



Julia Quinn

SIMPLESMENTE O PARAÍSO

QUARTETO SMYTHE-SMITH 1





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Pam Spengler-Jaffee.
Você é uma diva em todos os sentidos.

E também para Paul,
embora, quando o consultei para saber
como salvar meu herói enfermo,
ele tenha respondido: “Não tem jeito, ele vai morrer.”

PRÓLOGO

Marcus Holroyd estava sempre sozinho.

A mãe morrera quando ele tinha 4 anos, mas, surpreendentemente, esse acontecimento pouco tivera efeito em sua vida. A condessa de Chatteris cuidava do filho do mesmo modo que a mãe dela criara os próprios filhos – a distância. Ela não era irresponsável: ficara extremamente orgulhosa por encontrar a melhor ama de bebês para o herdeiro que dera ao marido. A Srta. Pimm tinha quase 60 anos e já tomara conta de dois futuros duques e do filho de um visconde. Lady Chatteris colocara o bebê nos braços de Pimm e avisara à ama que o conde tinha intolerância a morangos, portanto era provável que o mesmo acontecesse com o menino. E assim partira para desfrutar a temporada social de Londres.

Marcus viu a mãe em precisamente sete ocasiões, e então ela morreu.

Lorde Chatteris era mais chegado à vida no campo do que a esposa e ficava com mais frequência na residência de Fensmore, a enorme casa em estilo Tudor no norte de Cambridgeshire que fora o lar dos Holroyds por gerações. Porém, o conde criava o filho do modo como o pai dele o criara. Isso significava que apenas se certificou de colocar a criança em cima de um cavalo aos 3 anos e, depois, não viu razão para se importar mais com o menino até que tivesse idade suficiente para conduzir uma conversa de forma razoavelmente sensata.

O conde não desejava se casar de novo, embora o alertassem de que seria bom ter outro filho além do herdeiro. Lorde Chatteris olhou para Marcus e viu um garoto inteligente, atlético e de aparência passável. E o mais importante: era bem saudável e vigoroso. Sem motivo para supor que Marcus pudesse ter um problema súbito e morrer, não viu razão para se sujeitar a outra rodada de caça a uma esposa ou, pior, para se sujeitar a outra esposa. Em vez disso, escolheu investir no filho.

Marcus teve os melhores tutores. Foi instruído em todos os detalhes possíveis da educação de um cavalheiro. Era capaz de reconhecer todas as espécies da fauna e flora locais. Cavalgava como se houvesse nascido em cima de uma sela e, mesmo que seus talentos na esgrima e no tiro não fossem levá-lo a ganhar uma competição, ele ficava bem acima da média. Conseguiu

fazer operações matemáticas sem desperdiçar uma gota de tinta. Compreendia latim e grego.

Aos 12 anos.

Talvez por coincidência, esse foi o mesmo período em que o pai decidiu que ele já devia ser capaz de conduzir uma conversa decente.

Também foi quando o conde resolveu que Marcus daria o próximo passo em sua instrução: deixaria Fensmore para estudar no Eton College, a instituição onde todos os meninos Holroyds iniciavam sua educação formal. Esse acabou sendo o acontecimento mais feliz e afortunado na vida do jovem rapaz, pois Marcus Holroyd, herdeiro do condado de Chatteris, não tinha amigos.

Nem um único.

Não havia meninos adequados no norte de Cambridgeshire com quem Marcus pudesse brincar. A família nobre mais perto eram os Crowlands, que tinham apenas meninas. A segunda mais próxima era da aristocracia rural, o que teria sido aceito sob as circunstâncias, mas os filhos deles não tinham a idade apropriada para fazer companhia a Marcus. Lorde Chatteris não permitiria que o filho andasse com camponeses, por isso simplesmente contratou mais tutores. Um menino ocupado não poderia ser solitário; além do mais, nenhum filho dele iria querer correr pelos campos feito um selvagem com a cria turbulenta do padeiro.

Se o conde houvesse perguntado a opinião de Marcus, teria recebido uma resposta diferente. Mas lorde Chatteris via o filho apenas uma vez por dia, antes da refeição da noite. A conversa entre eles durava cerca de dez minutos, então Marcus subia para a ala infantil, o pai seguia para a sala de jantar formal, e só.

Era impressionante que Marcus não tivesse se sentido profundamente infeliz no Eton. Ele não sabia como interagir com os colegas. No primeiro dia, quando todos os demais corriam pelo colégio como um bando de selvagens (nas palavras do valete do conde, que o deixara lá), o garoto ficou de lado, tentando não olhar para os outros, tentando parecer que *tinha a intenção* de ficar de lado, desviando o olhar.

Marcus não sabia como agir. Não sabia o que dizer.

Mas Daniel Smythe-Smith sabia.

Além de ser o herdeiro do condado de Winstead, Daniel tinha cinco irmãs e mais de trinta primos em primeiro grau. Não havia ninguém que

soubesse se socializar melhor. Em questão de horas, ele se tornara o rei incontestável entre os meninos mais novos de Eton. Tinha autoconfiança, um sorriso fácil, uma absoluta ausência de timidez. Era um líder nato, capaz de tomar decisões com a mesma rapidez com que contava piadas.

E fora alojado na cama bem ao lado da de Marcus.

Eles se tornaram grandes amigos e, quando Daniel convidou Marcus para ir a sua casa nas primeiras férias, o jovem Chatteris aceitou. Os Smythe-Smiths moravam em Whipple Hill, que não ficava muito longe de Windsor, logo o menino facilmente viajava com frequência para casa. Marcus, por outro lado... Bem, ele não morava na distante Escócia, porém levava mais de um dia para alcançar o norte e chegar a Cambridgeshire. Além disso, o pai nunca ia para casa em férias curtas e também não via razão para o filho fazer isso.

Então, quando chegaram as segundas férias e Daniel voltou a convidar Marcus, ele aceitou.

E de novo.

E de novo.

E mais uma vez, até Marcus passar mais tempo com os Smythe-Smiths do que com a própria família. É claro que os Holroyds eram formados por apenas uma pessoa, mas, quando Marcus parava para pensar a respeito (o que fazia com bastante frequência), percebia que passava de fato mais tempo com cada Smythe-Smith do que com o pai.

Até mesmo com Honoria, a irmã caçula de Daniel. Ao contrário do resto da família, ela não tinha nenhum irmão com idade próxima à sua. Era cinco anos mais nova que o penúltimo filho da prole, supostamente um feliz acidente para encerrar a maravilhosa carreira de procriadora de lady Winstead.

Contudo, cinco anos era um espaço de tempo grande, ainda mais quando se tinha apenas 6 anos, como era o caso de Honoria. As três irmãs mais velhas já estavam casadas ou noivas e Charlotte, com 11 anos, não queria saber da caçula. Daniel também não, mas parecia que a ausência dele levava Honoria a se apaixonar terrivelmente pelo irmão, porque quando ele vinha da escola para casa, a menina o seguia por todo lado, como um cachorrinho.

– Não faça contato visual – orientou Daniel a Marcus certa vez, quando estavam tentando evitar Honoria em uma caminhada até o lago. – Se não a ignorarmos, estará tudo perdido.

Eles caminhavam com determinação, a cabeça voltada para a frente. Iam pescar e, na última vez em que Honoria se juntara aos dois, acabara derrubando todas as minhocas.

– Daniel! – gritou ela.

– Ignore-a – murmurou Daniel.

– Daniel!!!!!!!!!!!!!! – A menina passou do gritinho para o berro.

O jovem se encolheu.

– Mais rápido. Se chegarmos ao bosque, ela não nos encontrará.

– Ela sabe onde é o lago – Marcus sentiu-se compelido a lembrar ao amigo.

– Sim, mas...

– *Daniel!!!!!!!!!!!!!!*

–... mamãe vai pedir a cabeça de Honoria se ela entrar sozinha no bosque. Nem mesmo minha irmã é tola o bastante para provocá-la assim.

– Dan... – Ela se interrompeu. Então, em uma voz tão triste que era impossível não se virar para olhá-la, chamou: – Marcus?

Ele se virou.

– Nãããããooooooooo! – gemeu Daniel.

– Marcus! – gritou Honoria, feliz. Ela correu e parou de súbito na frente deles. – O que estão fazendo?

– Vamos pescar – grunhiu Daniel. – E você não vai junto.

– Mas eu gosto de pescar.

– Eu também. Sem você.

A menina franziu o rosto.

– Não chore – pediu Marcus depressa.

Daniel não se deixou impressionar:

– Ela está fingindo.

– Não estou fingindo!

– Não chore – repetiu Marcus, porque, sinceramente, isso era o mais importante.

– Não vou chorar – retrucou Honoria, batendo as pestanas – se me deixarem ir com vocês.

Como uma menina de 6 anos sabia bater as pestanas? Ou talvez não soubesse, porque um instante depois estava franzindo os olhos e esfregando-os.

– Qual é o problema agora? – perguntou Daniel.

– Entrou alguma coisa no meu olho.

– Talvez tenha sido uma mosca – sugeriu Daniel com maldade.

Honorina gritou.

– Talvez essa não tenha sido a melhor coisa a dizer – observou Marcus.

– Tire! Tire! – pediu ela com gritinhos agudos.

– Ai, acalme-se – falou Daniel. – Está tudo bem.

Entretanto, a menina continuou gritando e batendo no rosto. Por fim, Marcus a agarrou e segurou sua cabeça com firmeza, as mãos nas têmporas de Honorina, por cima das dela.

– Honorina, Honorina!

Ela piscou, arquejou e enfim ficou quieta.

– Não há mosca nenhuma – afirmou ele.

– Mas...

– Provavelmente era um cílio.

A boca da menina se abriu em um pequeno “o”.

– Posso soltá-la agora?

Ela assentiu.

Lentamente, Marcus a soltou e recuou um passo.

– Posso ir com vocês?

– Não! – vociferou Daniel.

A verdade era que Marcus também não desejava a companhia dela. Honorina tinha 6 anos. E era menina.

– Vamos ficar muito ocupados – disse ele, mas sem a indignação de Daniel.

– Por favor?

Marcus gemeu. Ela parecia tão desamparada, com o rosto marcado pelas lágrimas... Os cabelos castanho-claros, divididos de lado e puxados para trás com alguma espécie de prendedor, caíam lisos e finos pelas costas até logo abaixo dos ombros. Os olhos dela – quase da cor exata dos olhos de Daniel, de um tom fascinante e único de azul-arroxeadado claro – eram enormes, estavam marejados e...

– Eu falei para não fazer contato visual – alertou Daniel.

Marcus gemeu de novo.

– Quem sabe só desta vez?

– Ah, que bom! – Ela saltou como um gato pego de surpresa, então deu um abraço impulsivo (mas felizmente rápido) em Marcus. – Ah, obrigada,

Marcus! Obrigada! Você com certeza é o melhor! O melhor dos melhores!
– A menina estreitou os olhos e encarou Daniel de um jeito assustadoramente adulto. – Ao contrário de *você*.

A expressão do irmão foi igualmente antipática.

– Tenho *orgulho* de ser o pior dos piores.

– Não me importo – anunciou Honoria e pegou a mão de Marcus. – Vamos?

Marcus fitou a mão da menina. Uma sensação desconhecida, estranha e de certo modo desagradável começou a se agitar no seu peito. Ele levou certo tempo para perceber que era pânico. Não conseguia se lembrar da última vez que alguém lhe dera a mão. A ama, talvez? Não, ela gostava de segurá-lo pelo pulso. Tinha mais firmeza assim, Marcus a ouvira dizer à governanta certa vez.

Fora o pai? A mãe, em algum momento antes de morrer?

O coração dele batia acelerado e logo sentiu a mãozinha de Honoria ficar escorregadia na sua. Devia estar suando, ou ela é que estava, embora Marcus estivesse quase certo de que era ele.

Olhou para Honoria, que lhe sorria.

Marcus soltou a mão da menina.

– Ahn, temos que ir agora – falou, constrangido. – Enquanto ainda está claro.

Os Smythe-Smiths olharam para ele, curiosos.

– Não é nem meio-dia – comentou Daniel. – Por quanto tempo pretende pescar?

– Não sei – retrucou Marcus, na defensiva. – Talvez demore.

Daniel balançou a cabeça.

– Papai acaba de renovar o estoque do lago. Você provavelmente poderia arrastar uma bota pela água e pegar um peixe.

Honoria arquejou de prazer. Daniel se virou para a irmã no mesmo instante.

– Nem pense nisso.

– Mas...

– Se minhas botas forem parar em algum lugar perto da água, juro que vou afogar você.

Ela fez biquinho e baixou os olhos, resmungando:

– Eu estava pensando nas *minhas* botas.

Marcus não conseguiu conter uma risadinha. No mesmo instante, Honoria ergueu os olhos e o encarou com uma expressão traída.

– Teria que ser um peixe muito pequeno – comentou Marcus rapidamente. Isso não pareceu satisfazê-la.

– Não dá para comê-los quando são assim tão pequenos – tentou Marcus. – São quase só espinhas.

– Vamos – resmungou Daniel.

Seguiram pelo bosque, as perninhas de Honoria precisando do dobro de passadas para acompanhar os dois garotos.

– Na verdade, não gosto de peixe – comentou a menina, determinada a manter um fluxo permanente de conversa. – Eles cheiram muito mal. E têm um gosto *peixoso*...

Então, no caminho de volta...

–... Ainda acho que aquele rosa parecia grande o bastante para ser comida. Se a pessoa gostar de peixe, o que não é o meu caso. Mas se você gosta *mesmo* de peixe...

– Nunca mais a convide para vir conosco – disse Daniel a Marcus.

–... o que não é o meu caso. Mas acho que mamãe gosta de peixe. E tenho certeza de que ela iria gostar de um peixe *rosa*...

– Não convidarei – assegurou Marcus.

Criticar uma menininha parecia o máximo da rudeza, mas Honoria era exaustiva.

–... embora Charlotte não fosse gostar. Charlotte odeia rosa. Jamais usaria uma roupa rosa. Diz que a faz parecer emaciada. Não sei o que quer dizer “emaciada”, mas parece uma coisa desagradável. Eu gosto de lavanda.

Os dois garotos deixaram escapar suspiros idênticos. Iam continuar a caminhar, mas Honoria pulou na frente deles e abriu um sorriso torto.

– Combina com os meus olhos.

– O peixe? – perguntou Marcus, olhando para o balde que carregava.

Lá dentro, três trutas de bom tamanho se debatiam. Haveria mais – no entanto, Honoria sem querer chutara o balde e devolvera para o lago os dois primeiros peixes que Marcus pescara.

– Não. Você não estava me *escutando*?

Marcus se lembraria para sempre daquele momento. Fora a primeira vez que se vira diante da mais incômoda peculiaridade feminina: a pergunta que tinha apenas respostas erradas.

– *Lavanda* combina com os meus olhos – esclareceu Honoria com grande autoridade. – Meu pai é que falou.

– Então deve ser verdade – disse Marcus com alívio.

Ela girou uma mecha no dedo, mas o cacho se desfez assim que foi solto.

– Marrom combina com os meus cabelos, mas eu prefiro lavanda.

Marcus enfim pousou o balde. Estava ficando pesado e a alça começava a marcar sua mão.

– Ah, não – disse Daniel. Ele pegou o balde e o devolveu ao amigo. – Vamos para casa. – Lançou um olhar irritado na direção de Honoria. – Saia do caminho.

– Por que você é gentil com todo mundo menos comigo? – perguntou a menina.

– Porque você é uma peste! – ele quase gritou.

Era verdade, mas Marcus tinha pena da menina. Apenas em parte do tempo. Honoria devia se sentir como filha única e ele sabia muito bem como era a experiência. Desejava apenas participar, ser incluída em jogos e brincadeiras, em todas as atividades que a família constantemente lhe dizia que era jovem demais para se envolver.

Honoria recebeu o golpe sem se retrair. Permaneceu imóvel, encarando o irmão com raiva. Então, deixou o ar escapar com força pelo nariz.

Marcus desejou ter um lenço.

– Marcus – disse Honoria. Ela se virou para fitá-lo, mas também para das as costas ao irmão. – Gostaria de tomar um chá de bonecas comigo?

Daniel abafou o riso.

– Levarei minhas melhores bonecas – informou a menina, muito séria.

Santo Deus, tudo menos isso.

– E haverá bolos – acrescentou ela, em uma vozinha formal que assustou o rapaz.

Marcus lançou um olhar de pânico na direção de Daniel, mas não recebeu nenhuma ajuda.

– E então? – exigiu saber Honoria.

– Não – disparou Marcus.

– Não? – Ela o encarou, muito séria.

– Não posso. Estou ocupado.

– Fazendo o quê?

Marcus pigarreou. Duas vezes.

– Coisas.

– Que tipo de coisas?

– *Coisas*. – Ele se sentiu péssimo, então acrescentou, para não parecer tão inflexível: – Daniel e eu fizemos alguns planos.

Ela pareceu arrasada. Seu lábio inferior começou a tremer e, ao menos daquela vez, Marcus não achou que a menina estava fingindo.

– Desculpe – acrescentou ele, porque não tivera a intenção de magoá-la.

Mas, pelo amor de Deus, um *chá de bonecas*? Não havia um único menino de 12 anos no mundo que quisesse participar de um eventos desses.

Marcus estremeceu.

O rosto de Honoria ficou vermelho de raiva e ela se virou para encarar o irmão.

– Você o fez dizer isso.

– Eu não falei uma palavra – retrucou Daniel.

– Odeio você – disse a menina em voz baixa. – Odeio vocês dois. – Então passou a berrar: – Odeio vocês! Principalmente você, Marcus! Odeio você de verdade!

Honoria correu para casa o mais veloz que suas perninhas magras permitiam, o que não era assim tão rápido. Marcus e Daniel ficaram parados onde estavam, observando em silêncio enquanto ela se afastava.

Quando Honoria estava perto da casa, Daniel meneou a cabeça e afirmou:

– Ela o odeia. Agora você é oficialmente um membro da família.

E ele era. Daquele momento em diante, era.

Até a primavera de 1821, quando Daniel arruinou tudo.

CAPÍTULO 1

Março de 1824

Cambridge, Inglaterra

Lady Honoria Smythe-Smith estava desesperada.

Desesperada por um dia ensolarado, desesperada por um marido, desesperada... por um novo par de sapatos, pensou com um suspiro exausto enquanto baixava os olhos para as sapatilhas azuis arruinadas.

Sentou-se pesadamente em um banco de pedra do lado de fora da Loja de Tabaco do Sr. Hilleford para Cavalheiros Exigentes e apoiou as costas na parede, tentando desesperadamente (aí estava a terrível palavra mais uma vez) manter o corpo todo sob o toldo. Caía um toró. Não estava chovendo ou apenas chovendo: era um aguaceiro, um temporal, uma tempestade torrencial, chovia a cântaros, bacias, tinas.

Àquela altura, ela não ficaria surpresa se uma banheira desabasse do céu.

E fedia. Até então Honoria considerava o odor de charutos o pior cheiro do mundo, mas não, bolor era pior, e a Loja de Tabaco do Sr. Hilleford para Cavalheiros que Não se Importavam se Seus Dentes Ficassem Amarelos tinha uma camada negra suspeita alastrando-se pela parede externa, que cheirava como a morte.

Sinceramente, ela poderia estar em uma situação pior?

A chuva levava trinta segundos para ir de um pingo a uma torrente. O resto do grupo com quem fizera compras estava do outro lado da rua deliciando-se com o estoque do Empório Elegante de Fitas e Adereços da Srta. Pilaster, que, além de ter todo o tipo de mercadorias divertidas e belas, tinha um perfume muito melhor do que o do estabelecimento do Sr. Hilleford.

A Srta. Pilaster vendia perfume, pétalas secas de rosas e pequenas velas com aroma de baunilha.

O Sr. Hilleford cultivava bolor.

Honoria suspirou. Assim era a sua vida.

Ela se demorara demais diante da vitrine de uma livraria e assegurara às amigas que as encontraria na loja da Srta. Pilaster em um ou dois minutos,

que se tornaram cinco e, então, no exato momento em que Honoria estava se preparando para atravessar a rua, os céus se abriram e ela não tivera escolha senão se refugiar sob o único toldo no lado sul da Cambridge High Street.

Honoria ficou olhando melancólica para a chuva, vendo-a empoçar a rua. As gotas acertavam os paralelepípedos com uma força tremenda, esguichando como minúsculas explosões. O céu escurecia mais a cada segundo e, como bem conhecia o clima inglês, ela sabia que o vento começaria a qualquer momento, transformando o lugar em que estava em um abrigo completamente inútil.

Seus lábios se estreitaram em uma expressão deprimida e ela levantou os olhos semicerrados para o céu.

Seus pés estavam molhados.

Estava com frio.

E nunca, jamais em sua vida, saíra das fronteiras da Inglaterra, portanto conhecia, *sim*, o clima inglês, e sabia que em três minutos se encontraria em um estado ainda mais lastimável do que o atual – o que de fato não havia pensado ser possível.

– Honoria?

Ela baixou os olhos, confusa, e voltou-os para a carruagem que acabara de parar à sua frente.

– Honoria?

Conhecia aquela voz.

– *Marcus*?

Ah, céus, era só o que faltava para completar seu tormento. Marcus Holroyd, o conde de Chatteris, feliz e seco em sua carruagem luxuosa. Honoria percebeu que estava boquiaberta, embora não soubesse por que ficara surpresa. Marcus morava em Cambridgeshire, não muito longe da cidade. Além disso, se alguém iria vê-la quando estava parecendo um cachorro molhado e desgrenhado, sem dúvida seria Marcus.

– Santo Deus, Honoria – disse ele, olhando para ela com severidade naquele seu modo presunçoso tão típico –, você deve estar congelando.

Ela conseguiu dar de ombros muito levemente.

– Está um pouco fresco demais.

– O que está fazendo aqui?

– Arruinando meus sapatos.

– O quê?

– Fazendo compras – respondeu Honoria e indicou o outro lado da rua
– com amigas. E primas.

Não que as primas dela também não fossem suas amigas. Mas tinha tantas que mereciam uma categoria própria.

A porta da carruagem foi aberta.

– Entre – falou ele.

Não *Entre, por favor* ou *Por favor, precisa se secar*. Apenas *Entre*.

Outra moça talvez houvesse jogado os cabelos para o lado e dito: “Você não manda em mim!” Outra ainda, um pouco menos orgulhosa, poderia ter pensado isso, mesmo se não tivesse coragem de falar em voz alta. Mas Honoria estava com frio e valorizava mais o conforto do que o orgulho. Além do mais, aquele era Marcus Holroyd e ela o conhecia desde pequena.

Desde os 6 anos, para ser mais precisa.

Aquela também fora provavelmente a última vez que conseguira se mostrar em vantagem, pensou Honoria, fazendo uma careta. Aos 7 anos, ela atormentara tanto Marcus e o irmão, Daniel, que os dois começaram a chamá-la de “Mosquito”. Quando ela alegou receber aquilo como um elogio, que adorava o som exótico e perigoso do apelido, eles deram uma risadinha debochada e passaram a chamá-la de “Carrapato”.

E Carrapato ela fora desde então.

Marcus também já a vira mais molhada do que aquilo. Aliás, encharcada. Quando Honoria tinha 8 anos e pensara estar bem escondida entre os ramos do velho carvalho em Whipple Hill. Marcus e Daniel haviam construído um forte na base da árvore, onde não era permitida a presença de meninas. Ao descobrirem Honoria, jogaram seixos na garota até ela perder o apoio e cair.

Lembrando-se do episódio, ela se dava conta de que não deveria ter escolhido ficar em cima de um galho que se debruçava sobre o lago.

Porém, Marcus a resgatara, bem mais do que Daniel já fizera por ela.

Marcus Holroyd, pensou Honoria, melancólica. Ele estivera presente ao longo de praticamente toda a vida dela. Antes de ser lorde Chatteris, antes de Daniel se tornar lorde Winstead. Antes de Charlotte, a irmã mais próxima de Honoria em idade, ter se casado e saído de casa.

Antes de Daniel também partir.

– *Honoria*.

Ela ergueu os olhos. A voz de Marcus era impaciente, mas sua expressão mostrava uma ponta de preocupação.

– Entre – repetiu ele.

A moça assentiu e obedeceu. Pegou a mão dele e aceitou sua ajuda para entrar na carruagem.

– Marcus – disse Honoria, tentando se acomodar no assento com toda a graça e despreocupação que exibiria em uma elegante sala de visitas, apesar das poças d’água aos seus pés. – Que surpresa adorável vê-lo.

Ele apenas a encarou, franzindo ligeiramente as sobrancelhas escuras. Honoria sabia que Marcus estava tentando decidir qual era o modo mais eficiente de repreendê-la.

– Estou hospedada na cidade. Com os Royles – explicou ela, embora ele nada houvesse perguntado. – Ficaremos por cinco dias... Cecily Royle, minhas primas Sarah e Iris, e eu. – Honoria aguardou um momento por algum lampejo de reconhecimento nos olhos dele. – Você não se lembra delas, não é?

– Você tem muitas primas – argumentou ele.

– Sarah é a de cabelos cheios e escuros, olhos também.

– Olhos cheios? – murmurou Marcus, abrindo um sorrisinho.

– *Marcus*.

Ele riu.

– Muito bem. Cabelos cheios. Olhos escuros.

– Iris é muito pálida. Cabelos louro-avermelhados? – tentou ela. – Ainda não se lembra.

– Ela vem daquela família de flores.

Honoria se retraiu. *Era* verdade que tio Edward e tia Maria haviam batizado as filhas com nomes de flores: Rose, Marigold, Lavender, Iris e Daisy – rosa, calêndula, lavanda, íris e margarida.

– Sei quem é a Srta. Royle – falou Marcus.

– Ela é sua vizinha. Tem que saber quem é.

Ele apenas deu de ombros.

– De qualquer modo, estamos aqui em Cambridge porque a mãe de Cecily acha que poderíamos usufruir de um aperfeiçoamento.

A boca de Marcus se curvou em um sorriso vagamente zombeteiro.

– Aperfeiçoamento?

Honoria se perguntou por que as mulheres sempre precisavam de *aperfeiçoamento*, enquanto os homens iam para a escola.

– Ela conseguiu convencer dois professores a nos permitirem ouvir suas preleções.

– É mesmo? – Ele pareceu curioso. E reticente.

– A vida e a época da rainha Elizabeth – recitou Honoria com cuidado.

– E, depois disso, alguma coisa sobre grego.

– Você fala grego?

– Não, nenhuma de nós – admitiu ela. – Mas o professor foi o único disposto a falar para mulheres. – Honoria revirou os olhos. – Ele pretende fazer as preleções duas vezes seguidas. Devemos esperar dentro de um escritório até os alunos saírem do auditório; caso nos vejam, é possível que percam totalmente a razão.

Marcus assentiu, pensativo.

– É quase impossível para um cavalheiro manter a cabeça nos estudos na presença de tamanho encanto feminino.

Por alguns segundos, Honoria pensou que ele estivesse falando sério e relanceou um olhar severo na direção de Marcus antes de cair na gargalhada.

– Ah, por favor... – disse ela, dando um soquinho de brincadeira no braço dele.

Algumas familiaridades eram sem precedentes em Londres, mas ali, com Marcus.... Afinal, ele era praticamente irmão dela.

– Como está sua mãe? – perguntou Marcus.

– Está bem – respondeu Honoria, embora não fosse verdade. Não totalmente.

Lady Winstead nunca se recuperara por completo do escândalo de Daniel, forçado a deixar o país. Ela alternava entre se dedicar em excesso a minúcias e fingir que o filho nunca existira.

Era... difícil.

– Ela pretende morar em Bath – acrescentou Honoria. – A irmã dela mora lá e acho que as duas se dão bem. Mamãe não gosta de Londres, na verdade.

– Sua mãe? – perguntou Marcus, com certa surpresa.

– Não como costumava gostar. Não desde que Daniel... ah, você sabe.

Marcus cerrou os lábios. Ele sabia.

– Mamãe acha que as pessoas ainda estão falando sobre o que aconteceu – disse Honoria.

– E estão?

Honorina deu de ombros, impotente.

– Não tenho ideia. Acho que não. Ninguém falou comigo diretamente. Além do mais, já se passaram quase três anos. É de imaginar que as pessoas já tenham outros assuntos, não?

– Imagino que todos deveriam ter outros assuntos quando a situação com Daniel aconteceu – comentou Marcus em tom sombrio.

Honorina levantou uma sobrancelha ao perceber a expressão severa dele. Havia mesmo razão para Marcus ter assustado tantas debutantes. As amigas de Honorina, por exemplo, tinham medo dele.

Bem, isso não era inteiramente verdade. Elas só se mostravam assustadas quando estavam na presença de Marcus. O resto do tempo passavam sentadas diante das escrivatinhas desenhando os próprios nomes entrelaçados ao dele – tudo em uma letra rebuscada ridícula –, enfeitados com corações e querubins.

Marcus Holroyd era um ótimo partido.

Não que ele fosse muito bonito, porque não era... não exatamente. Os cabelos tinham uma bela cor escura, os olhos também, mas havia algo em seu rosto que Honorina achava bruto. A testa quadrada, reta demais, os olhos um tanto fundos.

Ainda assim, havia algo nele que prendia a atenção. Uma altivez, um toque blasé, como se Marcus não tivesse paciência para bobagens.

Isso deixava as moças loucas por ele, embora a maior parte delas fosse a bobagem em pessoa.

Sussurravam sobre Marcus como se ele fosse o herói de um romance ou o vilão gótico e misterioso que precisava ser redimido.

Já para Honorina, ele era apenas Marcus, o que não era nada simples, na verdade. Ela odiava a condescendência com que ele a tratava, observando-a com desaprovação. Marcus fazia Honorina voltar no tempo, como se fosse novamente uma criança irritante ou uma adolescente desajeitada.

Ao mesmo tempo, era reconfortante tê-lo por perto. Os caminhos deles já não se cruzavam com a frequência de antes – tudo era diferente agora que Daniel se fora –, mas quando Honorina entrava em uma sala e Marcus estava lá...

Ela o conhecia.

E, por mais estranho que fosse, isso era bom.

– Pretende ir a Londres para a temporada social? – perguntou Honorina com educação.

– Apenas para parte dela – respondeu ele, a expressão indecifrável. – Tenho assuntos para tratar aqui.

– É claro.

– E você?

Honorina pestanejou, sem entender.

– Pretende ir a Londres para a temporada social? – esclareceu Marcus.

Honorina entreabriu os lábios. Com certeza ele não estava falando sério. Para onde mais ela iria, solteira? Não era como se...

– Você está brincando? – perguntou ela, desconfiada.

– É claro que não.

Mas ele estava sorrindo.

– Isso não é engraçado. Não tenho escolha. Preciso participar da temporada social. Estou desesperada.

– Desesperada – repetiu ele, com uma expressão vaga, bem frequente em seu rosto.

– *Tenho* que encontrar um marido este ano.

Ela sentiu a cabeça balançando para a frente e para trás, embora não estivesse certa do que enfatizava. A situação dela não era muito diferente da situação da maioria das amigas. Não era a única jovem ansiando por casamento. Porém, Honorina não estava procurando um marido apenas para admirar a aliança no dedo ou para se regozijar com seu status de jovem matrona elegante. Queria uma casa que fosse sua. Uma família – grande, barulhenta, que nem sempre se preocupasse em ter modos.

Não aguentava mais o silêncio que se abatera sobre seu lar. Odiava o som dos próprios passos sobre o piso, odiava o fato de, com frequência, serem o único barulho que ouvia por toda a tarde.

Precisava de um marido. Era o único modo.

– Ah, vamos, Honorina... – disse Marcus, e ela não precisou fitar seu rosto para adivinhar-lhe a expressão: cética e condescendente, com apenas um toque de tédio. – Sua vida não pode ser tão terrível assim.

Honorina cerrou os dentes; detestava aquele tom.

– Esqueça tudo o que eu falei – resmungou ela, porque na verdade não valia a pena tentar explicar a situação a ele.

Marcus soltou o ar de uma forma que também pareceu condescendente.

– Será difícil você encontrar um marido aqui.

Honorina bufou, já arrependida de ter levantado o assunto.

– Os estudantes daqui são jovens demais – comentou ele.

– São da minha idade – retrucou ela, caindo direto na armadilha.

Contudo, Marcus não comentou a vitória.

– É por isso que você está em Cambridge, não é? Para socializar com esses estudantes que ainda não foram para Londres.

Honorina continuou olhando para a frente com determinação quando respondeu:

– Eu já disse que estamos aqui para assistir às preleções.

Ele assentiu.

– Sobre grego.

– *Marcus*.

Ele sorriu. Só que não foi exatamente um sorriso. Marcus era sempre tão sério, tão rígido, que, em qualquer outra pessoa, aquele seria apenas um meio sorriso seco. Honorina imaginou com que frequência ele sorria sem que ninguém percebesse. Marcus tinha sorte por ela conhecê-lo tão bem; outros o considerariam desprovido de humor.

– Por que isso? – perguntou ele.

Ela se surpreendeu com a pergunta. Virou-se para encará-lo.

– Por que o quê?

– Você revirou os olhos.

– Revirei?

Sinceramente, Honorina não tinha ideia se fizera isso ou não. Mas por que ele a encarava com tanta atenção? Pelo amor de Deus, aquele era *Marcus*. Honorina olhou pela janela.

– Acha que a chuva deu uma trégua?

– Não – respondeu Marcus, sem sequer mover a cabeça para conferir.

De fato ele não precisava mesmo olhar: fora uma pergunta tola, com a única intenção de mudar de assunto. A chuva ainda atingia a carruagem sem piedade.

– Devo deixá-la nos Royles? – perguntou ele educadamente.

– Não, obrigada.

Honorina esticou um pouco o pescoço, tentando ver, através do vidro e da tempestade, uma mínima parte que fosse da vitrine da Srta. Pilaster. Não conseguiu enxergar nada, mas foi uma boa desculpa para não encarar Marcus, por isso exagerou na tentativa.

– Vou me juntar às minhas amigas em um instante.

– Está com fome? – perguntou Marcus. – Parei mais cedo na Flindle’s e tenho alguns bolos embalados para levar para casa.

Os olhos dela brilharam.

– Bolos?

Ela não apenas disse a palavra: soltou-a em um suspiro. Ou talvez em um gemido. Mas não se importou. Marcus sabia que doces eram o ponto fraco dela, assim como o dele. Daniel nunca fora particularmente fã de sobremesas e, mais de uma vez, quando crianças, Honoria e Marcus haviam se debruçado juntos sobre um prato de bolos e biscoitos.

Daniel dizia que os dois pareciam selvagens, o que fazia Marcus rir loucamente. Honoria nunca entendeu o porquê.

Marcus pegou algo em uma caixa aos seus pés.

– Ainda ama chocolate?

– Eternamente.

Ela se pegou sorrindo com camaradagem. E talvez em ansiedade também.

Marcus começou a rir.

– Lembra-se daquela torta que a cozinheira fez...

– A que o cachorro comeu?

– Quase chorei.

Ela fez uma careta.

– Acho que eu realmente chorei.

– Cheguei a dar uma mordida.

– Eu não dei nenhuma – replicou Honoria, ainda ansiando pelo doce perdido. – Mas o aroma era divino.

– Ah, isso era. – Parecia que a lembrança o capturara. – Era mesmo.

– Sabe, sempre achei que Daniel tivesse alguma coisa a ver com o fato de Buttercup ter entrado na casa.

– Com certeza ele teve alguma coisa a ver. A expressão dele...

– Espero que você tenha acertado as contas.

– A vida de Daniel ficou por um fio naquele dia – assegurou Marcus.

Ela sorriu, então perguntou:

– Não está falando sério, não é?

Ele retribuiu o sorriso.

– Não.

Marcus riu da lembrança e estendeu um pequeno pedaço de bolo de

chocolate, adorável e marrom em cima do papel branco encerado. Tinha um aroma paradisíaco. Honoria inspirou fundo, feliz, e sorriu.

Então, ergueu os olhos para Marcus e sorriu de novo. Por um momento, sentira-se ela mesma outra vez, como a moça que fora apenas alguns anos antes, quando o mundo se estendia à sua frente, uma esfera cintilante repleta de promessas. Nem se dera conta de que sentia falta daquela sensação de pertencimento, de estar no lugar certo, com alguém que a conhecia plenamente e, ainda assim, achava que valia a pena rir com ela.

Era estranho que fosse Marcus a fazê-la sentir-se daquela forma.

E, por vários motivos, também não era nada estranho.

Honoria pegou o bolo da mão dele e encarou o doce, sem saber como iria comê-lo.

– Lamento, mas não tenho nenhum tipo de talher – comentou Marcus, em tom de desculpas.

– Posso acabar fazendo uma sujeira e tanto – falou ela, esperando que ele percebesse que o que realmente estava dizendo era *Por favor, diga-me que não se importa se eu espalhar farelos de bolo por toda a sua carruagem*.

– Terei que comer um também. Para que não se sinta só.

Ela tentou não sorrir.

– Que generosidade da sua parte...

– Estou certo de que é meu dever como cavalheiro.

– Comer o bolo?

– É um dos meus deveres cavalheirescos mais agradáveis.

Honoria riu e deu uma mordida.

– Meu Deus...

– Bom?

– Maravilhoso.

Ela deu mais uma mordida.

– Na verdade, *mais* do que maravilhoso.

Marcus sorriu e comeu o próprio bolo, devorando metade dele em uma única mordida. Então, enquanto Honoria o observava com certa surpresa, ele colocou a outra metade na boca e a devorou.

Não era um bolo muito grande, mas ainda assim... Honoria deu uma mordidinha no próprio pedaço, tentando fazê-lo durar mais.

– Você sempre fez isso – comentou Marcus.

Honoria levantou os olhos.

– O quê?

– Comer a sobremesa devagar, apenas para torturar os outros.

– Gosto de fazê-la render. – Honoria arqueou a sobrancelha para ele e deu de ombros. – Se você se sente torturado, o problema é seu.

– Desalmada – murmurou ele.

– Com você, sempre.

Ele deu uma risadinha de novo e Honoria ficou impressionada ao se dar conta de quanto Marcus era diferente no âmbito privado. Era quase como se ela tivesse de volta o velho Marcus, o rapaz que praticamente morava em Whipple Hill. Ele de fato se tornara membro da família, chegando até a se juntar a eles em suas terríveis pantomimas familiares. Marcus fizera o papel de árvore todas as vezes e, por algum motivo, isso sempre divertira Honoria.

Ela gostava daquele Marcus. Na verdade, tinha *adorado* aquele Marcus.

Mas ele se fora nos anos mais recentes, sendo substituído pelo homem silencioso, de olhar severo, que o resto do mundo conhecia como lorde Chatteris. Era uma situação triste, na verdade. Para ela e, provavelmente, ainda mais para ele.

Honoria terminou de comer o bolo, tentando ignorar a expressão divertida de Marcus. Então aceitou o lenço dele para limpar os farelos das mãos.

– Obrigada – agradeceu, devolvendo-o.

Ele meneou a cabeça.

– Quando você...

Marcus foi interrompido por uma batida forte na janela.

Honoria olhou além de Marcus para ver quem estava batendo.

– Perdão, senhor – desculpou-se um criado em um libré familiar. – Será lady Honoria quem o acompanha?

– Sim.

Honoria se inclinou para a frente.

– Esse é... ahn... – Muito bem, não sabia o nome do homem, mas ele acompanhara o grupo de moças durante o dia de compras. – É um dos criados dos Royles.

Honoria deu a Marcus um sorriso rápido e constrangido antes de se levantar e logo se abaixar para sair da carruagem.

– Preciso ir. Minhas amigas estão esperando por mim.

– Eu a visitarei amanhã.

– *O quê?*

Ela estacou onde estava, encurvada como uma velha.

Marcus ergueu uma das sobrancelhas em uma despedida zombeteira.

– Com certeza sua anfitriã não se importará.

A Sra. Royle iria se importar com um conde solteiro, que ainda não tinha 30 anos, visitando Honoria na casa dela? Honoria teria que impedir a mulher de organizar uma festa.

– Estou certa de que será um prazer para ela – conseguiu dizer.

– Ótimo.

Marcus pigarreou.

– Faz tempo que não nos vemos – completou.

Honoria o encarou, pasma. Nunca imaginava que Marcus houvesse dirigido um único pensamento a ela quando os dois não estavam em Londres, indo de um evento a outro durante a temporada social.

– Fico feliz por você estar bem – comentou ele abruptamente.

Honoria não saberia explicar por que ficou tão espantada com aquela declaração. Mas ficou.

Realmente ficou.



Marcus observou o criado dos Royles acompanhar Honoria até a loja, do outro lado da rua. Então, quando teve certeza de que ela estava em segurança, bateu três vezes na lateral da carruagem, sinalizando ao cocheiro para que seguissem em frente.

Surpreendeu-se por vê-la em Cambridge. Não ficara atento a Honoria quando não estava em Londres, mas, por algum motivo, achara que saberia se ela fosse passar algum tempo tão perto da casa dele.

Deveria começar a fazer planos para ir a Londres para a temporada social. Não mentira para Honoria quando dissera que tinha negócios a tratar ali, embora provavelmente tivesse sido mais exato falar que preferia permanecer no campo. Não havia nada que exigisse a presença dele em Cambridgeshire, mas muitas coisas seriam facilitadas por isso.

Para não mencionar que detestava a temporada social. Detestava. Mas se Honoria estava determinada a conseguir um marido, então ele iria a Londres para se certificar de que ela não cometesse erros desastrosos.

Afinal, fizera um juramento.

Daniel Smythe-Smith fora seu amigo mais próximo. Não, seu único amigo, seu único amigo *de verdade*.

Milhares de conhecidos e um único amigo de verdade.

Aquela era a vida dele.

Só que Daniel se fora, estava em algum lugar da Itália, se o que relatara em sua última carta ainda valia. E não era provável que voltasse, não enquanto o marquês de Ramsgate vivesse, inclinado como estava à vingança.

Que erro terrível fora a coisa toda. Marcus dissera a Daniel para não jogar cartas com Hugh Prentice. Mas não, Daniel apenas rira, determinado a tentar a sorte. Prentice sempre ganhava. Sempre. Ele era brilhante, todos sabiam disso. Matemática, física, história... Prentice acabava ensinando aos mestres da universidade. O homem não trapaceava no carteadado, apenas ganhava todas as vezes porque tinha uma memória fantástica e uma mente que via o mundo em padrões e equações.

Ao menos fora o que o próprio Prentice contara a Marcus quando os dois estudaram juntos em Eton. A verdade era que Marcus ainda não entendia bem do que o colega falava, sendo que fora o segundo melhor aluno em matemática. Mas perto de Hugh... Ora, não havia comparação.

Ninguém em sã consciência jogava cartas com Hugh Prentice, mas Daniel não estava em sã consciência naquele dia: um pouco bêbado, um pouco eufórico com alguma garota que levava para a cama. Assim, sentara-se diante de Hugh e jogara com ele.

E vencera.

Nem mesmo Marcus conseguira acreditar.

Não que tivesse achado que Daniel trapaceara. Ninguém o considerava um trapaceiro. Todos gostavam dele. Todos confiavam nele. No entanto, ninguém jamais vencera Hugh Prentice.

Só que Hugh andara bebendo. E Daniel também. Assim como todos eles. Quando Prentice virara a mesa e acusara o outro de trapacear, a sala toda se transformara num inferno.

Marcus ainda não conseguia se lembrar exatamente do que fora dito, mas em poucos minutos ficara decidido: Daniel Smythe-Smith encontraria Hugh Prentice ao amanhecer do dia seguinte. Com pistolas.

Com alguma sorte, os dois estariam sóbrios o bastante depois para se dar conta da própria idiotice. Mas não fora o caso.

Hugh atirara primeiro, a bala passara raspando no ombro esquerdo de Daniel. E, enquanto todos ainda arquejavam – o educado a fazer teria sido atirar no ar –, Daniel levantou o braço e atirou em resposta.

E Daniel – maldição, ele sempre tivera uma péssima pontaria – acertara a parte de cima da coxa de Hugh. Fora tanto sangue que Marcus ainda se sentia zozzo só de lembrar. O médico presente gritara. A bala atingira uma artéria, nada mais poderia ter provocado tamanha torrente de sangue. Por três dias, todos se preocuparam tanto com o fato de Hugh estar entre a vida e a morte que ninguém nem pensara muito na perna, que tivera o fêmur estilhaçado.

Hugh sobrevivera, mas não conseguia mais caminhar sem a ajuda de uma bengala. E o pai dele – o terrivelmente poderoso e furioso marquês de Ramsgate – jurara que levaria Daniel à justiça.

Por isso Daniel fugira para a Itália.

Por isso o pedido ofegante, de último minuto, no estilo “prometa-me agora que estamos parados no porto e o navio está prestes a partir”: *Olhe por Honoria, por favor? Cuide para que ela não se case com um imbecil.*

É claro que Marcus concordara. O que mais poderia dizer? Mas ele nunca contara a Honoria sobre a promessa. Santo Deus, teria sido um desastre. Já era difícil o bastante ficar atento sem que ela soubesse. Se Honoria desconfiasse de que Marcus estava agindo como *in loco parentis*, teria ficado furiosa. A última coisa de que precisava era que Honoria tentasse atrapalhar sua missão.

O que ela faria. Marcus tinha certeza disso.

Não que Honoria fosse voluntariosa de propósito. Na maior parte do tempo, era uma jovem perfeitamente razoável. Porém, mesmo a mais razoável das mulheres se ressentia de ser controlada.

Assim, Marcus a observava de longe e havia silenciosamente espantado um ou dois pretendentes.

Ou três.

Talvez quatro.

Prometera a Daniel.

E Marcus Holroyd não quebrava suas promessas.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br